

Agenor Gutiérrez Mairena*

Quando falta o pão nas mesas... Tem muito mais na casa-comunidade que gera milagres (2Rs 4,1-7)

Resumo

Procuramos neste artigo recriar o relato de 2Rs 4,1-7 buscando aproximar-nos mais da vida daqueles e daquelas que produziram o texto. Esta é uma forma que permite ler os contextos, dialogar com outros relatos, analisar os conflitos a partir dos e das personagens que se encontram envolvidos e envolvidas no enredo, principalmente da realidade da mulher e sua família. São eles que passam por maior situação de precariedade, de falta de alimentos, de ameaças e de perigos, em que a comunidade de profetas, na qual participam Ishatel e outras mulheres, se converte em alternativa como comunidade que vive sua experiência do sagrado na solidariedade.

Palavras-chave: Bíblia; comunidade; família; casa; comida.

Cuando falta pan en las mesas... Hay mucho más en la casa-comunidad que genera milagros (2 Re 4,1-7)

Resumen

Intentamos en este artículo recrear el relato buscando acercarnos más a la vida de las y los artífices del mismo. Es una manera que nos permite leer los contextos, dialogar con otros relatos, analizar los conflictos desde quienes se ven implicados en ellos, principalmente desde la realidad de una mujer y su familia que atraviesa por una situación de precariedad, de falta de alimentos, de amenazas y de peligros y en donde la comunidad de profetas en la que participan Ishatel y otras mujeres, se convierte en una alternativa como comunidad que vive su experiencia de lo sagrado en solidaridad.

Palabras-clave: Biblia; comunidad; familia; casa; comida.

* Biblista popular. Apartado RP-082 Managua, Nicaragua .agutmai@yahoo.com

When no bread on the tables ... There is much more in house-community that generates miracles (2 Kings 4,1-7)

Abstract

We try with this article to recreate the story, looking forward to be closer to the lives of those who are part of it. It is a way that allows us to read the context, dialogue with other stories, analyze conflicts from those who are involved in them, mainly from the reality of a woman and her family who is going through a precarious situation, lack of food, threats and dangers and where the community of prophets in which Ishatel is involving with other women, it becomes as an alternative community living experience of the sacred in solidarity.

Keywords: Bible; community; family; home; food.

Falta pão na mesa, falta água, falta feijão e arroz... Houve uma seca na região oeste do país e a fome afligiu a vida das pessoas nas comunidades. Muita gente migrou para os países vizinhos em busca de trabalho para poder enviar algum dinheiro às suas famílias. Maria Isabel tem três filhos ainda pequenos: duas meninas e um menino. Ela é mãe solteira. Viu-se na necessidade de empenhar a casa e o terreno para, de alguma maneira, resolver as necessidades de alimentação da família.

Com essas imagens busco na Bíblia o relato sobre uma mulher que perdeu seu marido, está endividada e seus filhos estão em perigo de virar escravos porque um agiota quer levá-los em troca da dívida (2Rs 4,1-7). Quero fazer essa aproximação ao texto a partir de outra porta de entrada da comum na tentativa de recriar o relato e buscar aproximar-nos mais da vida dos e das personagens dele. É uma forma que nos permite ler os contextos, dialogar com outros relatos, analisar os conflitos sob o ponto de vida daqueles e daquelas que se encontram implicados e implicadas neles.

Nossa protagonista no relato tem um nome, uma identidade: Ishatel, que transmite a ideia de *mulher de Deus*, num jogo com *varão de Deus*, como muitas vezes é chamado Eliseu, profeta vinculado aos problemas do povo. Portanto, nossa Ishatel, que também é membro da comunidade de profetas, é mulher de Deus, porque somos homens e mulheres de Deus.

1. A família de Ishatel e a comunidade de profetas

Permitam-me contar um pouco sobre Ishatel, seu marido Elibet e seus filhos Gersán e Abigail. Elias era amigo da família, antes de ser arrebatado num carro de fogo, conforme conta Eliseu. A mulher e seu

marido se tornaram membros da comunidade de profetas, um grupo de homens e mulheres que levava um estilo de vida de solidariedade, com crianças, mulheres, estrangeiros e estrangeiras, que enfrentavam situações de fragilidade diante da ameaça da fome, das dívidas, das doenças, das secas e das águas contaminadas... Nesse mundo se insere a prática profética dessas comunidades. É também ali que está circunscrita a história da família de Ishatel.

Essa vida em comunidade era linda para Ishatel: acompanhar os irmãos e irmãs da comunidade de profetas quando saíam para resolver seus problemas. Havia muita liberdade para cantar, dançar, fazer uso dos elementos da vida cotidiana, o sal, os potes, as ervas, a vara para os ritos de curas etc. Essas coisas mantinham Ishatel ligada à vida diária, à natureza e ao corpo.¹ Assim se vivia intensamente a experiência do sagrado na comunidade.

2. Sem alimentos... dívidas... não existência

As comunidades de profetas sabem que as coisas não andam nas aldeias pobres. Era evidente o contraste com a opulência dos grupos de poder, que concentravam a riqueza. Pagavam-se tributos em espécies e em trabalho forçado para manter o luxo dos ricos, à custa da deterioração do nível de vida da população pobre das aldeias, como aquela onde vivia a família de Ishatel.

A apropriação da propriedade do campesinato se aprofunda. Os ricos latifundiários aproveitam o empobrecimento camponês, à causa das políticas tributárias impositivas e dos problemas naturais, como a seca². Há silos na cidade, mas o povo do campo não tem acesso a eles, e a crise de alimentos se aprofunda. O endividamento é um problema de primeira ordem que vai levar à perda da propriedade, da família, até chegar ao ponto em que o camponês tenha que se vender como escravo.

Diante dessa situação, as comunidades de profetas atuam como movimentos de resistência, que tentam manter a memória e as tradições de fé dos antepassados, com seus ritos, seus santuários e suas práticas comunitárias de solidariedade. A monarquia se converteu em uma ameaça, pois quer concentrar a adoração à divindade no templo,

¹ CARDOSO, Nancy. La profecía y lo cotidiano. La mujer y el niño en el ciclo del profeta Eliseo. **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, n. 14. Quito: Centro bíblico Verbo, 1993, p. 7-22.

² Para a informação do contexto sócio-histórico nos apoiamos em: GOTTWALD, Norman K. **La Biblia Hebrea**. Una introducción socio-literaria. Tradução de Alicia Winters. Barranquilla: Seminario Teológico Presbiteriano y Reformado, 1992.

situado na cidade, perto do palácio do rei. Não, Deus não pode ser preso no templo, não pode ser “entronizado” para ser servido por um grupo de sacerdotes, só por homens. Tem que deixar que Deus viva perto e entre as pessoas, para que assim homens e mulheres possam viver a experiência sagrada de se saber e se sentir parte de um movimento que experimenta o divino em liberdade e em solidariedade.

Por isso, diante de situações de precariedade, falta de alimentos e perigos, a comunidade de profetas, da qual participam Ishatel e outras mulheres, converte-se em uma alternativa, como comunidade solidária que vive a experiência do sagrado em comunhão.

Contudo, mesmo nessa comunidade alternativa, o impacto da crise golpeia forte. Elibet tem que recorrer a um agiota, que não é nada menos que um representante do modelo tributário e monárquico. Às duras penas, a comunidade resiste. Ishatel lembra bem a história da mulher de Sarepta, lá na Sidônia, que não faz muito tempo estava ali, sem força esperando morrer ao lado do seu filho... de fome. Outra mulher, outro filho em perigo. Mas também ali há esperança na possibilidade de transformar um cenário de crise a partir da descoberta de que existe algo que pode ser ressignificado... tem um pouco de farinha e azeite... tem lenha... tem desejos de comer, mas também de morrer.

Mas, as coisas passam... Elibet morre e deixa uma dívida que é herdada por Ishatel. Como pagá-la se mal e mal tem para comer? O agiota não quer nem saber. Ele era um *nosheh*, um tipo de agiota que “tira tudo o que tem” do devedor ou devedora (Sl 109,5)³. Não era para menos o temor de Ishatel, muitas pessoas da sua comunidade e de outras próximas já tinham ficado com nada ou perdido os filhos. As autoridades não inspiravam confiança, sabia-se de abusos cometidos contra pessoas humildes. Corriam rumores sobre o que havia passado com Nabot, aquele de Jezreel, a quem o rei Acab tinha assassinado e roubado a herança, a sagrada herança dos seus antepassados.

Um clamor que rompe o silêncio

No coração e na cabeça de Ishatel, na sua pele, há algo que a preocupa, que a deixa inquieta: a comunidade de profetas, o irmão Eliseu... suas irmãs e seus irmãos, com quem mora. “Sim, tenho que ir, pôr-me

³ Em Israel existiam dois tipos de agiotas: 1) o *malveh*, que emprestava com sentido de solidariedade; e 2) o *nosheh*, que se aproveitava das necessidades dos endividados. Veja WINTER, Alicia. Una vasija de aceite: mujer, deudas y comunidad, em **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, Quito, n. 14, p. 53-59, 1993.

a caminho, ainda que não leve mais que um manto... não tem pão...". O grito de uma mulher se faz ouvir na comunidade de profetas: a morte de um profeta da comunidade. O agiota, que ameaçava lhe tirar Gersán e Abigail, seu coração partido...

Lá está ela soltando um clamor que rompe o silêncio da manhã. É o clamor das sofredoras e dos sofredores desse mundo rodeado de injustiças, de quem se roubam a alegria e a esperança... talvez não a esperança, porque a esperança está em algum lugar do nosso corpo, percorre nossa pele e nossos sonhos.

Que perguntas mudam nossas percepções?

A pergunta: "o que você tem em tua casa?" provoca incômodo. "Como você pode perguntar isso? Você sabe que não tenho nada, que perdi tudo". A pergunta questiona nossos esquemas e nossas percepções, desmonta aquilo que alimenta nossa maneira de pensar e agir e nos leva a indagar por outras formas de ver a realidade, pois em nosso imaginário ainda estão muito marcados os esquemas mentais dos sistemas dominantes, com seus valores e antivalores.

Da pedagogia do perguntar nasce algo novo: um descobrir o que se tem ali como possibilidade em meio à crise. Nossa força, um olhar diferente para captar no que aparece como não existência, o alternativo. Sim, tem algo: um pote com azeite. É o fio do tecido que precisamos encontrar na trama da vida e que muitas vezes perdemos quando nosso olhar fica turvo diante de situações que descarnam nosso corpo.

Alimento, saúde e celebração

O azeite, esse alimento vital espremido da azeitona, fruto da oliveira. "Sim, tanto conhecemos esse fruto entre nossas aldeias. Quantas vezes colhemos as frutas, tomando-as com nossas mãos ou com uma vara! Íamos juntas as famílias da comunidade". Ishatel recorda esses momentos em que havia festa, alvoroço, gozo pela coleta dos frutos. Tinha que ver quanta felicidade se irradiava nas meninas e meninos que colhiam a azeitona, gritando, saltando... Era a grande festa das comunidades, que fazia parte da festa dos tabernáculos. "Então, era uma combinação de alegria pelo alimento que já podíamos tocar e saborear. A recordação, a celebração da ação de Deus no deserto, quando nossos antepassados saíram da escravidão do Egito". Porque a colheita é dom

de Deus, é celebração, encontro, alegria, oferta, comunhão, é memória. Mas, agora, quando a vida é ameaçada, é difícil viver a experiência do sagrado da festa, quando a vida está ameaçada pela falta de alimentos, quando ficam escassos o pão, o feijão, o arroz...

A partir do chão que eu dialogo com as experiências que alimentam os relatos de Eliseu, a partir de Nicarágua, toca em minhas veias a experiência de uma igreja na qual se celebra cada ano a festa das colheitas. É um tempo de muitos frutos. E as pessoas da comunidade levam como oferenda os frutos colhidos nas suas parcelas. É tão bonito observar aquele movimento contagiante de alegria, de violões, de comidas, tanto colorido natural na celebração de ação de graças pelos frutos da terra.

Numa dessas celebrações refletíamos sobre o sentido dessa festa. O que essa bela celebração nos diz? A que ela nos convida, exatamente neste tempo em que nosso planeta se vê ameaçado por uma profunda crise, particularmente a crise alimentar?

Sigamos com nosso relato.

Junto com Elibet e outros membros da comunidade de profetas, Ishatel viajou muitas vezes a várias comunidades camponesas para partilhar suas experiências comunitárias, para animar e celebrar. Levavam sempre em suas mochilas algo para comer: pão seco, algumas vezes azeitonas conservadas em azeite, algum pedaço de queijo, água... Costumavam parar no caminho para comer. Eram momentos tão bonitos de partilha, de agradecimento a Deus. E, então, o azeite aparecia em um prato para mergulhar o pão seco. Ali estava o azeite, nesse momento sagrado de convivência.

Mas também no caminho estão as vicissitudes próprias do caminhar. Uma ferida no pé ou na mão, e novamente o azeite para curar. Alimento e saúde para o corpo. Em algumas aldeias vizinhas, era utilizado como oferenda de libação nos altares dedicados às divindades. Sim, o azeite era sagrado, como o pão e como todos os alimentos. O significado do azeite foi se perdendo à medida que foi transformado em mercadoria para gerar lucros àqueles que se apoderavam das terras, criando o empobrecimento precisamente naqueles que, com suas mãos, seus corpos, produziam os alimentos... até hoje.

O que temos em casa, na comunidade

Todas essas ideias passaram pela mente de Ishatel nesse momento. Ela tinha duas coisas lindas: uma vasilha de barro e azeite. Logo se des-

cobriu o resto. O que estava potencialmente presente na experiência da vida de Ishatel: “vá e peça vasilhas a todas as suas vizinhas...”. A solução apontava para o outro lado. Estava na comunidade onde ela vivia e se chamava *betahot* (casa de irmãs). Estava entre as mulheres, estava nas casas, em sua casa e com seus filhos. Nesses espaços sagrados circulavam as potencialidades ante o problema de uma família ou de muitas famílias. Era preciso voltar o olhar e o coração ao que era local, onde se possibilita a reconstrução de outro modelo de relações, diferentes das que o sistema monárquico-tributário impunha. Nesse modelo não tem lugar para a justiça, o respeito à vida, a solidariedade, valores presentes na memória da comunidade de profetas, mas também ameaçados. A força simbólica do sistema tributário (e de outros sistemas opressores) ataca direta e sutilmente os modelos alternativos. Nos relatos sobre Eliseu se pode perceber essas ameaças quando o servo de Eliseu pede dinheiro a Naaman depois que este é curado da lepra.

Na casa e nas casas há um movimento de crianças, de mulheres, que vão gerando significações profundas no relato. Entremos novamente nesses espaços.

Ah, a vasilha com azeite na casa. Saídas, entradas e recolhimentos. Trazer, tirar, encher. É todo um ritual comunitário. O azeite flui porque existe um movimento que é tecido pela solidariedade da comunidade que se constitui em uma só casa, a casa de todas e todos, a casa pequena e grande, a casa onde o *nosheh* não tem lugar porque existe um dar solidário que é profundamente humano e sagrado. O agiota empresta e rouba, escraviza, vive nos grandes centros de poder. Ele representa os agiotas de todos os tempos, que escravizam os povos. As pessoas da comunidade, ao contrário, doam seu amor e sua esperança para salvar a vida de alguém da casa comum.

Na casa de Ishatel, as coisas vão se transformando: há vasilhas, azeite, alegria, esperança... De repente não existem mais vasilhas. Aqui está um elemento-chave para o nosso tema: o acúmulo sem limites põe em perigo a existência da comunidade. Põe em perigo a vida do planeta. A solidariedade da comunidade, que busca construir projetos alternativos locais, deve ser o que hoje chamamos de sustentável. Sustento e alimento para todas e todos. Por isso, o profundo significado – em nível hermenêutico – do fluir do azeite. Tem tantas comunidades que vivem a crise de alimentos, como bem sabe Ishatel. O problema está inserido numa situação mais global, e a experiência de solidariedade da comunidade de Betahot está ali para iluminar outras buscas diante da crise.

Ishatel, a mulher de Deus, está agora diante de Eliseu, o home de Deus. Partilham o que aconteceu na comunidade, o movimento nas casas, os rituais. O belo milagre da solidariedade! O que faz possível que agora ela possa viver uma nova experiência ao lado de seus filhos, Gersán e Abigail (“o estrangeiro” e a “alegria do pai”). A alternativa de construir um projeto fundado em outros critérios produz o milagre da vida em que há pão, alimento, sustento para todos e todas.

O que temos entre nós, em nossas casas?

Maria Isabel, a jovem mãe com suas duas meninas e seu menino, está agora na comunidade. A crise alimentar ainda a golpeia. No mercado, os preços dos alimentos estão sumamente altos. Ouve-se por aí que há programas para reduzir a pobreza e a fome, que grandes instituições financeiras estão emprestando dinheiro ao Estado para alavancar projetos de desenvolvimento, mas que esses mesmos bancos não querem que se aumentem os programas sociais.

Maria Isabel e um grupo de moradores da comunidade se têm reunido várias vezes e têm lido o relato de Ishatel e o milagre comunitário. Então, esses bancos são os *nosheh* atuais. Sim, não se pode confiar neles... Claro, nos deixariam em ruínas e nos escravizariam, se é que já não estamos nessa situação. O que existe entre nós que pode ser o início do milagre da multiplicação da solidariedade? Ah, o primeiro é nossa fé e nossa esperança de que podemos partilhar para nos animar, para ser luz que ilumina nossos projetos, nossos caminhos. Assim, poderemos enfrentar juntos e juntas esse cenário que nos golpeia e que às vezes nos faz esquecer que sempre temos algo para partilhar. No final da reunião teve pão, rosquinhas e café... celebração.

Referências

CARDOSO, Nancy. La profecía y lo cotidiano. La mujer y el niño en el ciclo del profeta Eliseo. **Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, Quito, n. 14, p. 7-22, 1993.

GOTTWALD, Norman K. **La Biblia Hebrea**. Una introducción socio-literaria. Tradução de Alicia Winters. Barranquilla: Seminario Teológico Presbiteriano y Reformado, 1992.

Tradução: José Ademar Kaefer